

Horizontes das **Ciências Sociais Rurais 3**

**Leonardo Tullio
(Organizador)**



Atena
Editora

Ano 2019

Leonardo Tullio

(Organizador)

Horizontes das Ciências Sociais Rurais

3

Atena Editora

2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

H811 Horizontes das ciências sociais rurais 3 [recurso eletrônico] /
Organizador Leonardo Tullio. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Horizontes das Ciências Sociais Rurais; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-132-9

DOI 10.22533/at.ed.329191802

1. Agronegócio. 2. Pesquisa agrícola – Brasil. I. Tullio, Leonardo.
II. Série.

CDD 630.72

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste III volume, apresentamos as aplicações práticas das técnicas de extensão rural, trabalhos aplicados a resolução de problemas reais e que propõem estratégias para o sucesso no empreendimento.

Tratar sobre o agronegócio envolve vários setores, a complexidade deve ser entendida para estabelecer relações e resoluções de problemas. Os horizontes da ciência social rural são inúmeros e que juntos formam a cadeia do agronegócio, que gera oportunidade de trabalho e renda para milhares de pessoas. Discutir sobre esses horizontes, analisar e propor alternativas é o futuro sendo traçado, pois a complexidade e o avanço tecnológico que estamos passando exige conhecimento técnico avançado.

Assim, contribuímos com esse avanço quando desenvolvemos pesquisas e publicamos para que outras pessoas possam discutir e validar a proposta, sendo a disseminação de resultados a chave para a complexidade do conhecimento.

Por fim, aproveito e desejo boas leituras e olhar crítico sobre os temas a presentados neste volume, construa seu conhecimento pouco a pouco.

Leonardo Tullio

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE DO CLUSTER VINÍCOLA DA FRONTEIRA OESTE/RS ATRAVÉS DO MODELO TEÓRICO ZACCARELLI ET AL (2008)	
<i>Matheus de Mello Barcellos</i>	
<i>Katiane Rossi Haselein Knoll</i>	
<i>Paulo Cassanego Jr</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3291918021	
CAPÍTULO 2	17
ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE DOS PRINCIPAIS COMPLEXOS EXPORTADORES DO AGRONEGÓCIO GAÚCHO	
<i>Mygre Lopes da Silva</i>	
<i>Rodrigo Abbade da Silva</i>	
<i>Bruno Pereira Conte</i>	
<i>Nadine Gerhardt Lermen</i>	
<i>Daniel Arruda Coronel</i>	
<i>Reisoli Bender Filho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3291918022	
CAPÍTULO 3	31
O COMÉRCIO BILATERAL ENTRE BRASIL E VENEZUELA DE 1998-2013	
<i>Eliane Aparecida Gracioli Rodrigues</i>	
<i>Ariana Cericatto da Silva</i>	
<i>Priscila Marçal</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3291918023	
CAPÍTULO 4	47
ANÁLISE DA VIABILIDADE ECONÔMICA DA AGROINDÚSTRIA DE LEITE E DERIVADOS DO MUNICÍPIO DE FEIJÓ-AC	
<i>Emerson Luiz Curvêlo Machado</i>	
<i>Raimundo Claudio Gomes Maciel</i>	
<i>Pedro Gilberto Cavalcante Filho</i>	
<i>Reginaldo Silva Mariano</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3291918024	
CAPÍTULO 5	65
ESTIMATIVA DAS EMISÕES DE GASES DE EFEITO ESTUFA PROVENIENTES DA PECUÁRIA LEITERIA DA REGIÃO DO CONDEPRO/RS	
<i>Thelmo Vergara de Almeida Martins-Costa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3291918025	
CAPÍTULO 6	83
ANÁLISE OPERACIONAL DA ATIVIDADE DE PROCESSAMENTO DE LEITE E DERIVADOS DO INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS – CAMPUS BAMBUÍ	
<i>Uellington Corrêa</i>	
<i>Bruna Pontara Vilas Boas Ribeiro</i>	
<i>Érik Campos Dominik</i>	
<i>Gideon Carvalho de Benedicto</i>	
<i>Bryan William Alvarenga Corrêa</i>	
<i>Israel Marques da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3291918026	

CAPÍTULO 7 101

ESTUDO DOS CUSTOS E RECEITAS DE LABORATÓRIOS DE PRODUÇÃO E PRÁTICA DO INSTITUTO FEDERAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS – CAMPUS BAMBUÍ

Uellington Corrêa
Bruna Pontara Vilas Boas Ribeiro
Gideon Carvalho de Benedicto
Francisval de Melo Carvalho
Renato Silvério Campos
Bryan William Alvarenga Corrêa

DOI 10.22533/at.ed.3291918027

CAPÍTULO 8 113

ANÁLISE OPERACIONAL DA ATIVIDADE LEITEIRA DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE MINAS GERAIS – CAMPUS BAMBUÍ

Uellington Corrêa
Marcos Aurélio Lopes
Bruna Pontara Vilas Boas Ribeiro
Gideon Carvalho de Benedicto
Israel Marques da Silva
Bryan William Alvarenga Corrêa

DOI 10.22533/at.ed.3291918028

CAPÍTULO 9 130

ANÁLISE DE CAUSALIDADE DE PREÇOS NO MERCADO INTERNACIONAL DA SOJA: O CASO DO BRASIL, ARGENTINA E ESTADOS UNIDOS

Bruna Márcia Machado Moraes
Reisoli Bender Filho
Kelmara Mendes Vieira
Paulo Sérgio Ceretta

DOI 10.22533/at.ed.3291918029

CAPÍTULO 10 145

A INFLUÊNCIA DA TAXA DE CÂMBIO NAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE CARNE BOVINA *IN NATURA*

Bruna Márcia Machado Moraes
Reisoli Bender Filho
Daniel Arruda Coronel

DOI 10.22533/at.ed.32919180210

CAPÍTULO 11 161

ANÁLISE ECONÔMICA SOBRE O IMPACTO DA PRODUÇÃO DE MANDIOCA NA REGIÃO DE PARANAÍ – PR

Aline de Queiroz Assis Andreotti Pancera
Ednaldo Michellon
Alexandre Florindo Alves

DOI 10.22533/at.ed.32919180211

CAPÍTULO 12 178

ELASTICIDADE DE TRANSMISSÃO DE PREÇOS DA CARNE DE FRANGO NO MERCADO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Uellington Corrêa
Bruna Pontara Vilas Boas Ribeiro
Francisval de Melo Carvalho
Gideon Carvalho de Benedicto
Euler de Assis Corrêa
Bryan William Alvarenga Corrêa

DOI 10.22533/at.ed.32919180212

CAPÍTULO 13 192

CAUSALIDADE E ELASTICIDADE DE TRANSMISSÃO DE PREÇO DE SUÍNOS EM TERMINAÇÃO ENTRE MERCADOS BRASILEIROS

Uellington Corrêa
Bruna Pontara Vilas Boas Ribeiro
José Willer do Prado
Bryan William Alvarenga Corrêa
Euler de Assis Corrêa
Gideon Carvalho de Benedicto

DOI 10.22533/at.ed.32919180213

CAPÍTULO 14 209

ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO NO ESTADO DO PIAUÍ NA VISÃO DOS PRODUTORES NO TERRITÓRIO RURAL PLANÍCIE LITORÂNEA

Maria de Jesus Gomes de Lima
José Newton Pires Reis
Patrícia Verônica Pinheiro Sales Lima
Edvania Gomes de Assis
Francisco Pereira da Silva Filho
James José de Brito Sousa

DOI 10.22533/at.ed.32919180214

CAPÍTULO 15 226

A APLICAÇÃO DOS RECURSOS DO PRONAF CUSTEIO E INVESTIMENTO NO BRASIL: 2013 A 2016

Lidiane Kasper
Dionéia Dalcin
Carlos Thomé
Juliana Strieder Kern

DOI 10.22533/at.ed.32919180215

CAPÍTULO 16 242

SAZONALIDADE DOS PREÇOS: UMA ANÁLISE DA BANANA DE SEQUEIRO, DA CANA DE AÇÚCAR E DO MILHO NAS MICRORREGIÕES DO CEARÁ

Gerlânia Maria Rocha Sousa
Meire Eugênia Duarte
José Wandemberg Rodrigues Almeida
Fábio Lúcio Rodrigues
Railson Alexandrino dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.32919180216

CAPÍTULO 17	259
ANÁLISE DE GÊNERO E AUTONOMIA FINANCEIRA NA AGRICULTURA FAMILIAR: UM ENFOQUE NO PROGRAMA “GÊNERO E GERAÇÃO”	
<i>Renata Borges Kempf</i>	
<i>Simão Ternoski</i>	
<i>Josiane Caldas</i>	
DOI 10.22533/at.ed.32919180217	
CAPÍTULO 18	277
A POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL RURAL NO NOROESTE DE MINAS: AVALIAÇÃO DO PROINF ENTRE 2003 E 2012	
<i>Clesio Marcelino de Jesus</i>	
<i>José Flores Fernandes Filho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.32919180218	
CAPÍTULO 19	298
CONFIGURAÇÃO DO TRABALHO EXTRATIVO DA CARNAÚBA À LUZ DAS CONVENÇÕES COLETIVAS DOS ANOS DE 2013 A 2017	
<i>José Natanael Fontenele de Carvalho</i>	
<i>Jaíra Maria Alcobaça Gomes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.32919180219	
SOBRE O ORGANIZADOR	314

ANÁLISE DE GÊNERO E AUTONOMIA FINANCEIRA NA AGRICULTURA FAMILIAR: UM ENFOQUE NO PROGRAMA “GÊNERO E GERAÇÃO”

Renata Borges Kempf

Universidade Estadual do Centro-Oeste –
UNICENTRO
Guarapuava-Pr

Simão Ternoski

Universidade Estadual do Centro-Oeste –
UNICENTRO
Guarapuava-Pr

Josiane Caldas

Universidade Estadual do Centro-Oeste –
UNICENTRO
Guarapuava-Pr

RESUMO: A agricultura familiar é de extrema importância para economia do país, sendo responsável por aproximadamente 74% da mão de obra empregada no campo. As relações sociais e de produção presentes na agricultura familiar apresentam contextos peculiares aos demais modelos, uma destas peculiaridades se refere à participação da mulher, e a falta de conhecimento a respeito da magnitude da sua parcela de contribuição no estabelecimento, dificultando assim a realização ou implementação de políticas públicas que objetivem a igualdade de gênero no meio rural. Fato que justifica a necessidade da pesquisa e de estudos sobre o tema. Assim, a presente pesquisa aborda a realidade das mulheres agricultoras, contrastando com a realidade de mulheres que participam de um programa que objetiva

a maior participação da mulher nos processos de decisão e gestão dos estabelecimentos familiares – Programa “Gênero e Geração” da Cooperativa Cresol. O Objetivo da proposta é identificar a importância da agricultora dentro do estabelecimento familiar, e a visão que a mulher possui de si mesma dentro do estabelecimento. Os resultados evidenciaram respostas, em sua maioria, condizentes com as hipóteses levantadas, a divisão das funções dentro do estabelecimento apresenta um viés de gênero, existe uma alienação da mulher nas decisões financeiras do estabelecimento. Não se verificou, no entanto, uma diferença relevante nas respostas das mulheres que participam do programa em comparação com as demais, embora a grande maioria delas afirme que verificou mudanças, tanto na autoestima como financeiras em suas vidas, após a participação do programa.

PALAVRAS-CHAVE: Igualdade de Gênero; Agricultor Familiar; Cooperativa Cresol.

ABSTRACT: Family farming is extremely important for the country's economy being responsible for 74% of the workforce employed in the field. The relations of production and social relations present in family agriculture have specific contexts to other models of these peculiarities as regards the participation of women, and little is known about the dimension

of their contribution portion of the property, hindering the realization or implementation of public policies that aim at gender equality in rural areas. This evidence suggests the need for research and studies on the topic. Thus this research addresses the reality of rural women, in contrast to the reality of women who participate in a program which aims the greater participation of women in decision-making and management of family farms - Program “Gender and Generation” of Cresol Cooperative. - The objective of the proposal is to identify the importance of the woman within the rural family setting, and the view that a woman has of herself inside the establishment. The results showed responses consistent with the hypothesis made in the beginning, the division of functions have a gender bias within the establishment, there is a alienation of the woman in the economic decisions in the establishment; is not seen, however, difference in the responses of women who participate in the program compared to the others, although the vast majority of them claim that have found changes in their self esteem in their financial lives after the program participation.

KEYWORDS: Gender equality; Family farmer; Cresol cooperative.

1 | INTRODUÇÃO

A agricultura familiar responde por uma parcela expressiva da riqueza nacional, em 2003 o setor foi responsável por 10,1% evoluindo para 33% em 2013. Nos últimos 10 anos a renda do setor apresentou um crescimento de 52%, cerca de 1/3 do agronegócio brasileiro é atribuído à produção realizada pelos agricultores familiares (GOVERNO FEDERAL, 2013; GUILHOTO *et al.*, 2006).

Para Pereira e Bazotti (2010) no Paraná 80% dos estabelecimentos agropecuários são da agricultura familiar, e 10% dirigidos por mulheres. A relevância da agricultura familiar reflete sua importância, cultural e econômica, tanto na produção como na organização social, para o Estado e para o País.

Ao longo da história diversas definições foram atribuídas ao agricultor, palavras como caipira, caiçara, tabaréu ou caboclo eram todas utilizadas para designar o trabalhador do campo, que passa, na década de 1960 a ser conhecido como camponês, e somente em meados da década de 1990 surge, no Brasil, a expressão “agricultura familiar”. (MARTINS, 1986; SCHNEIDER, 2003).

Nesta evolução histórica dos conceitos cada autor se apropriou de seus próprios parâmetros, mas a definição mais clara e atual foi estabelecida a partir da lei 11.326/2006, a qual aponta como agricultor familiar aquele que detém até 4 módulos fiscais de terra, utiliza mão de obra predominantemente familiar, tem percentual mínimo de renda (definido por lei) originada de atividades econômicas do estabelecimento, bem como a direção deste deve estar nas mãos da família.

As relações sociais e produtivas presentes na agricultura familiar é recheada de peculiaridades, uma destas é à participação da mulher. Silva e Schneider (2010) apontam que pouco se conhece sobre a contribuição das mulheres nas unidades de

produção, os censos não abordam a respeito da participação específica e as pesquisas sobre o tema são recentes.

Ao falar sobre o papel da mulher na agricultura familiar emerge o conceito de Gênero, o qual leva muitas a uma confusão e utilização errônea de conceitos, os conceitos de identidade sexual e de gênero, geralmente confundidos, não são sinônimos. A identidade sexual se refere às características físicas, enquanto a identidade de gênero é definida pelas categorias masculinas e femininas, sendo estas definidas culturalmente. Beauvoir (2016) afirma que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, contestando o pensamento determinista do século XIX e assegurando que o “ser mulher” é uma construção social e cultural.

Em linha de pensamento semelhante Butler (2015) defende que gênero também é uma construção social, sendo construído ao longo do tempo de forma intencional, o gênero não pode ser visto como um atributo fixo de uma pessoa. Na espécie humana existem machos e fêmeas, mas a qualidade de ser homem ou mulher, no entanto, é uma condição definida pela sociedade (SANTOS, 2002 apud SILVA e SCHNEIDER, 2010; HEILBORN, 1994).

Os papéis sociais historicamente definidos para os homens e mulheres e a divisão sexual do trabalho, que deriva destes papéis sociais pré-definidos, possuem para Silva e Schneider (2010), crucial importância na reprodução das famílias rurais. No próprio processo de socialização profissional, passado de pai para filho, existe uma diferenciação de gênero, onde as filhas mulheres “são ‘poupadas’ ou ‘excluídas’ da atividade agrícola principal” (BRUMER, 2008, p. 9).

Usa-se a distinção entre “leve” e “pesado” para caracterizar as funções do homem e da mulher dentro da agricultura. Paulilo (1987) considera que essa distinção não tem relação com o grau de dificuldade da tarefa ou com o tempo levado para executá-la, mas sim com quem a executa, são consideradas “leves” as atividades executadas geralmente por mão de obra feminina e infantil, sendo assim o que determina o valor da diária seria o gênero de quem a recebe.

Outro aspecto importante no qual a subjugação da mulher se torna evidente está relacionado à sucessão na chefia do estabelecimento, as mulheres não são consideradas como sucessoras do pai e chefes na propriedade familiar. Elas também não têm acesso à herança, e recebem uma parte dela na forma de “dote” ou do “enxoval”. O seu *status* de agricultoras vem apenas através do casamento e não da sucessão do pai no estabelecimento (BRUMER, 2008).

As pesquisas sobre gênero e juventude rural se intensificaram nos anos recentes, Krumer (2003) e Silva (2011) afirmam que mulher do campo vive sob uma dupla submissão, de um lado a autoridade etária em relação à mãe, e de outro a autoridade de gênero em relação ao pai ou irmãos. Neste meio fica evidente que de nenhuma forma a mulher terá autonomia, o que leva as mulheres a optar por uma vida, mesmo precária, na cidade, do que permanecer com seu papel subalterno na família (BRUMER, 2008; ABRAMOVAY, 1998).

Excluída no processo de sucessão, cabe então à mulher escolher entre permanecer na casa dos pais, e ficar sob a tutela destes, ou se casar e de toda forma se submeter (ser submetida) ao marido. Sem autonomia, tanto financeira quanto na tomada de decisões, as moças perdem o interesse nas atividades do estabelecimento e veem no êxodo uma alternativa para se livrarem do peso da autoridade patriarcal (KRUMER, 2003; SILVA, 2011).

As mulheres não têm autonomia econômica, não tem acesso à renda que produzem e não são candidatas à sucessão da terra, isso leva a migração rural feminina acompanhada, por uma drástica redução da taxa de fecundidade rural. O êxodo rural feminino gera uma crise na sucessão dada pelo celibato masculino gerado pela masculinização e envelhecimento da população rural, o que pode gerar uma futura crise de reprodução social na agricultura familiar (BRUMER, 2004; SILVA, 2011; DALCIN & TROIAN, 2009).

A intensificação dos estudos sobre gênero atrai o olhar de governos e entidades na busca para suprir as demandas da mulher rural. Desse processo alguns programas como o “Gênero e Geração” da Cooperativa de Crédito Rural com Interação Solidária – CRESOL surgem. O programa para a Unicafes (2011) objetiva aumentar a participação da mulher no processo de decisão e gestão do estabelecimento, promovendo a autonomia e equidade nestas relações.

Diante do panorama em que essa subjugação muitas vezes passa despercebida, fica difícil estabelecer um cenário exato ao qual estas mulheres estão inseridas. Assim o problema que se levanta é: Quais são as funções da mulher nos estabelecimentos da agricultura familiar? Poderiam programas como o “Gênero e Geração” emancipar a mulher rural?

A resposta afirmada que: (1) a distribuição de funções tem culturalmente, dentro do estabelecimento, um viés de gênero, cabe às mulheres as atividades domésticas e os homens as atividades financeiras; (2) a existência de uma alienação da participação da mulher nas decisões econômicas, tendo seu trabalho rotulado, muitas vezes por elas mesmas, como apenas doméstico ou “ajuda” não remunerada; (3) mulheres participantes de programas de gênero, como o “Gênero e Geração”, têm maior inserção nas decisões econômicas e uma visão de seu papel diferente das que não participam deste tipo de programa.

O objetivo da pesquisa é identificar a importância e a visão de si mesma como agricultora dentro do estabelecimento familiar. Especificamente: (1) analisar as relações entre as funções, domésticas e econômicas, atribuídas aos membros da família e o gênero de cada indivíduo; (2) verificar a participação da mulher na gestão econômica do estabelecimento; e (3) averiguar se os objetivos do programa “Gênero e Geração” estão sendo alcançados, comparando os resultados dos grupos que participam do programa com as não participantes.

A realização de um diagnóstico das condições de vida das mulheres agricultoras permitirá verificar a importância da mulher tanto no contexto da unidade familiar bem

como a sua participação na economia regional. A análise permite compreender as dificuldades culturais e econômicas enfrentadas pelas mulheres, apontando assim possíveis soluções.

2 | PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa apresenta característica exploratória e descritiva, e natureza qualitativa e quantitativa. As investigações se restringiram a 22 municípios das Mesorregiões Centro-Sul, Oeste e Sudoeste paranaense. O levantamento de dados se deu por meio de questionário entregue às mulheres presentes no V Seminário em comemoração ao dia internacional da mulher rural realizado pelo Sistema Cresol e pela Unicafe na cidade de Pinhão- PR.

A amostra a ser entrevistada foi calculada com base na população total presente no evento que somou aproximadamente 1500 pessoas. O número de entrevistados foi calculado buscando determinar um nível de erro ε , além do coeficiente de confiança $(1-\alpha)$. Assim foi empregada as equações 01 e 02.

$$n' = \left(\frac{z}{\varepsilon}\right)^2 P(1 - P) \quad (1)$$

$$n = \frac{n'}{1 + \frac{(n' - 1)}{N}} \quad (2)$$

Onde: n' = é o tamanho da amostra ajustada; ε = é o erro pré-fixado; P = a proporção *a priori* a favor de uma determinada característica de maior interesse; z = um valor associado ao nível de confiança; n = é o tamanho da amostra calculado; N = é o tamanho da população.

Considerando uma margem de erro de 8,6% e um nível de significância estatística de 95%, verificou-se a necessidade de amostrar 119,58 casos. Foram aplicados 120 questionários para mulheres de diversas cidades do estado do Paraná participantes e não participantes do Programa Gênero e Geração, sendo 71 participantes do Programa e 49 mulheres que não participam.

O questionário levantou informações sobre a entrevistada, sua família, e as características gerais da unidade de produção, verificando ainda as atividades realizadas. Foram também levantados dados sobre a rotina da entrevistada e de sua família, complementarmente o questionário investigou as relações e os efeitos do programa “Gênero e Geração” na vida das mulheres entrevistadas.

A terceira e última etapa dos procedimentos será a análise dos dados, por meio da estatística descritiva, de modo que, os dados obtidos através dos questionários foram analisados por meio do embasamento obtido através no referencial teórico previamente pesquisado com o auxílio de gráficos e tabelas.

3 | O GÊNERO E A AUTONOMIA FINANCEIRA NA AGRICULTURA FAMILIAR

A profissão da mulher agricultora muitas vezes levanta o questionamento a respeito do seu reconhecimento como profissional, e não simplesmente como trabalho doméstico. Esta característica levou o estudo a indagar as próprias entrevistadas a respeito de sua condição profissional, objetivando, além de levantar a profissão da mulher, verificar se estas se veem como agricultoras.

Os apontamentos a este respeito foram diversos e podem ser verificados na Tabela 01. Questionadas sobre sua profissão a grande maioria afirma ser agricultora, uma parcela relevante, se considera dona de casa. Os dados apontam um grande percentual de mulheres que se considera donas de casa e agricultora, indicando uma provável dupla jornada das mulheres.

Profissão	Faz Parte Programa			Não Faz Parte Programa		
	Centro-Sul	Oeste	Sudoeste	Centro-Sul	Oeste	Sudoeste
Agricultora	74,36	78,95	80	75	90,91	52,94
Dona de Casa	15,38	5,26	20	7,14	9,09	29,41
Atividade profissional fora da UP (na área rural)	2,56	5,26	0	10,71	0	17,65
Atividade profissional fora da UP (na área urbana)	7,69	10,53	0	7,14	0	0

Tabela 01 – Profissão das mulheres entrevistadas de acordo com a Mesorregião e a condição de participação do Programa Gênero e Geração*

Fonte: Dados da Pesquisa

*Valores em Porcentagem

A dupla jornada decorre para Silva e Schneider (2010), da pluriatividade, que leva as mulheres a se inserir nas atividades econômicas, sem abandonarem as atividades domésticas. Esta jornada dupla poderá segundo os autores no longo prazo levar a diminuição do trabalho doméstico feminino devido a inserção dos homens na execução das tarefas do lar aliada às práticas pluriativas.

Nesta mesma foi tentado qual integrante do estabelecimento é considerado responsável pelo domicílio, este ponto reflete o papel da mulher dentro da unidade de produção, conforme demonstram os dados da Tabela 02.

Principal Responsável	Faz Parte Programa			Não Faz Parte Programa		
	Centro-Sul	Oeste	Sudoeste	Centro-Sul	Oeste	Sudoeste
Mulher	27,08%	0%	21,43%	21,43%	15,38%	26,67%
Cônjuge/companheiro(a)	50,00%	87,50%	64,29%	46,43%	30,77%	40,00%
Filho	10,42%	0%	7,14%	7,14%	7,69%	13,33%
Filha	8,33%	12,50%	7,14%	21,43%	30,77%	13,33%
Outro	4,17%	0,00%	0,00%	3,57%	15,38%	6,67%

Tabela 02 – Responsável econômico pelo estabelecimento familiar

Fonte: Dados da Pesquisa

As mulheres quando questionadas a respeito das responsabilidades apontam que as questões econômicas ficam a cargo do marido. Para Brumer (2008) as funções de gestão ficam por conta do “chefe” da família, que em geral é o homem, cabendo as mulheres as decisões de pouca relevância. A sucessão do estabelecimento familiar foi foco também das entrevistas, objetivando verificar as atividades a que os filhos se ocupam conforme demonstra o Gráfico 01.

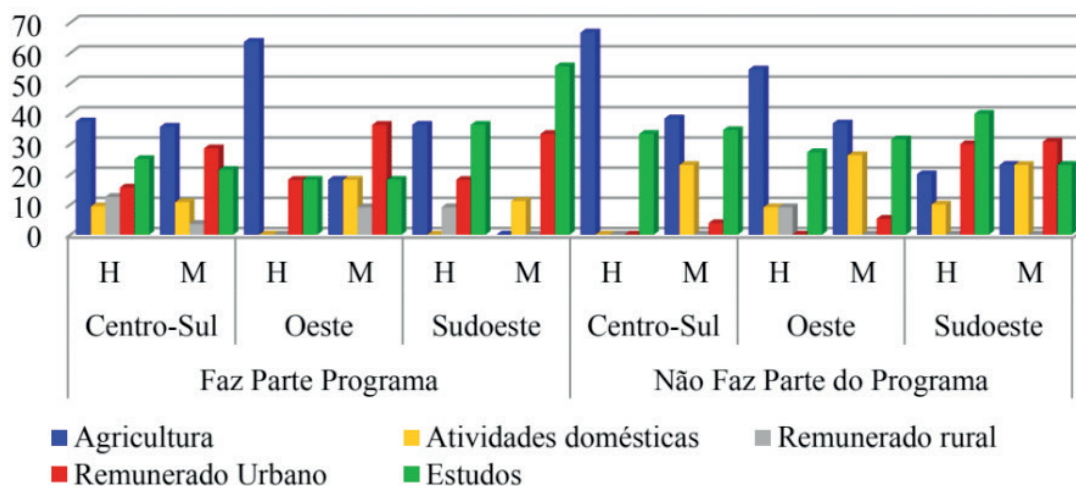


Gráfico 01 – Atividades exercidas pelos filhos*

Fonte: Dados da Pesquisa

*Valores em percentual

Existe um viés de gênero na divisão de funções dos filhos, de modo que filhos homens se dedicam em sua maioria a agricultura e a atividades remuneradas. As filhas são maioria nas atividades domésticas, e também detêm o maior percentual de atividades remuneradas na área urbana, ou estudando.

O Gráfico 01 reafirma a que trajetória de vida da jovem rural apresenta adversidades. Dalcin e Troian (2009) apontam que a mão de obra feminina é absorvida pelos trabalhos temporários, mal remunerados, sem garantia de direitos e sem investimentos na formação profissional.

Muitas das moças veem no estudo a válvula de escape para a frustração profissional no campo. Para Carneiro (2005, pg.255) *apud* Silva, (2011, pg. 07) “paradoxalmente, o sistema patriarcal acaba por ampliar as opções da mulher rural, para além das fronteiras do universo doméstico, possibilitando a formulação e a realização de projetos profissionais de mais longo prazo”.

O êxodo rural feminino tem consequência na vida dos homens do campo, uma vez que as mulheres do meio urbano não migram para o campo. A alternativa do agricultor que pretende encontrar uma companheira é migrar para a cidade, resultado na crise de manutenção da atividade rural (KRUMER, 2003).

Diante destas perspectivas é necessário entender sobre a composição da renda dos estabelecimentos. A análise sobre a diversificação das atividades demonstra as

estratégias adotadas, que vão além da produção de *commodities* que podem deixar os estabelecimentos vulneráveis a riscos de mercado e clima. O Gráfico 02 apresenta as principais fontes de renda em cada Mesorregião.

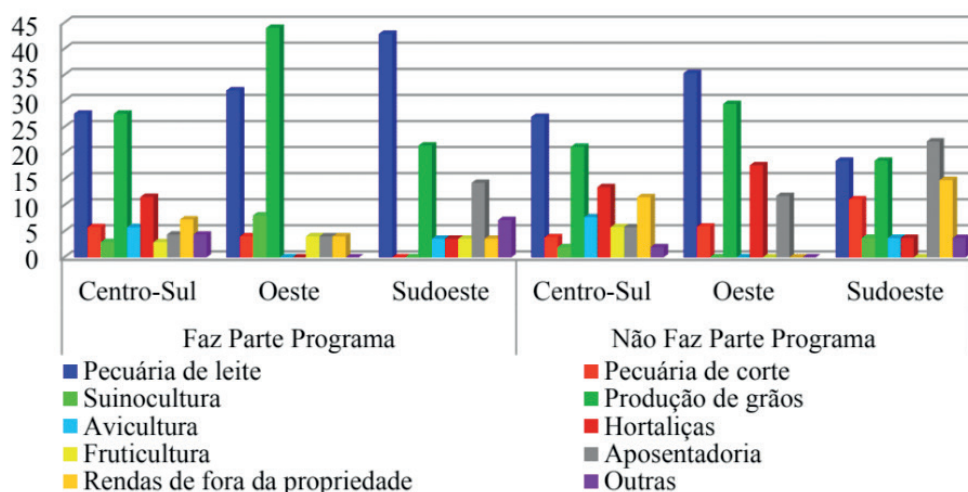


Gráfico 02 – Principais atividades exercidas nos estabelecimentos*

Fonte: Dados da Pesquisa

*Valores em percentual

As rendas provem de diversas fontes, desde *commodities* até estratégias que reduzem os riscos climáticos e de mercados. Além da diversificação de atividades, os estabelecimentos contam com práticas pluriativas espalhando seu *portfólio* de rendas também por fontes que vem de fora dos estabelecimentos.

A atual agricultura se apresenta como dependente dos fatores externos, fato este que se deve a sua modernização, o que deixou os agricultores mais atrelados a indústria e aos fatores exógenos em geral, uma alternativa para fugir disso é a da diversificação. Wanderley (1997) aponta a diversificação como uma estratégia adotada pelos agricultores brasileiros, se deve, não somente a alcançar um mercado maior, mas também garantir o autoconsumo.

Analisando a literatura existente a respeito da diversificação é evidente as diversas vantagens, a diversificação da produção e dos meios de vida em geral (pluriatividade) apresenta significativos benefícios para as mulheres rurais. Possibilita a inserção da mulher nas atividades econômicas do estabelecimento, permitindo que exerçam também as atividades rentáveis.

Diante das atividades que compõem as rendas a pesquisa buscou identificar o integrante familiar responsável por estas atividades econômicas, Ver Gráfico 03. Na análise das respostas o homem é apontado como responsável pela principal atividade produtiva do estabelecimento. Com exceção apenas das mulheres que não participam do programa do Sudoeste e do Centro-Sul, as mulheres do Sudoeste apresentaram como principal fonte de renda a aposentadoria, o que justifica a proporção de mulheres, já no Centro-Sul apresentaram, conforme Gráfico 03, um expressivo percentual de

atividades leiteiras e horticultura, atividades estas de grande participação feminina.

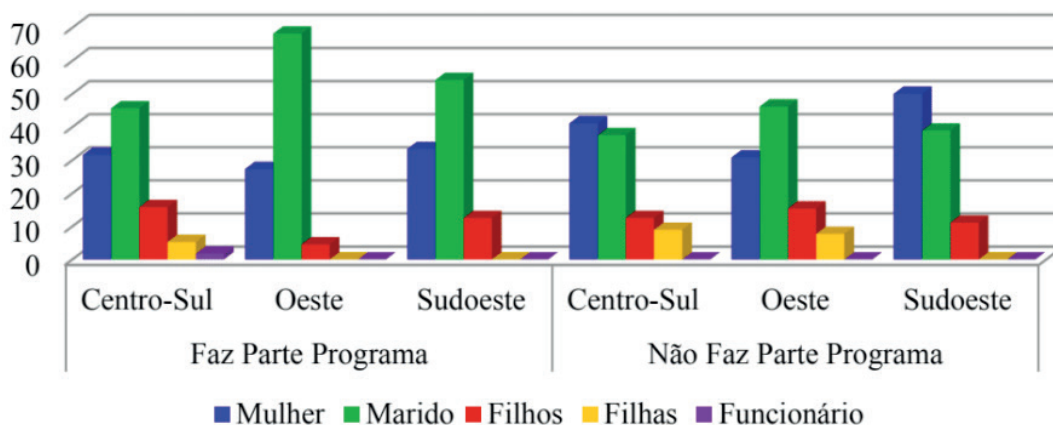


Gráfico 03 – Responsável pela principal atividade do estabelecimento*

Fonte: Dados da Pesquisa

*Valores em percentual

Analisando o padrão das respostas expressas no Gráfico 03 fica evidente os apontamentos de Brumer (2008), de que as mulheres são poupadas ou excluídas da atividade principal. As mesmas têm seu trabalho rotulado como “ajuda” não remunerada, estas constatações são reafirmadas no Gráfico 04 que demonstra qual integrante familiar auxiliaria o integrante descrito no Gráfico 03.

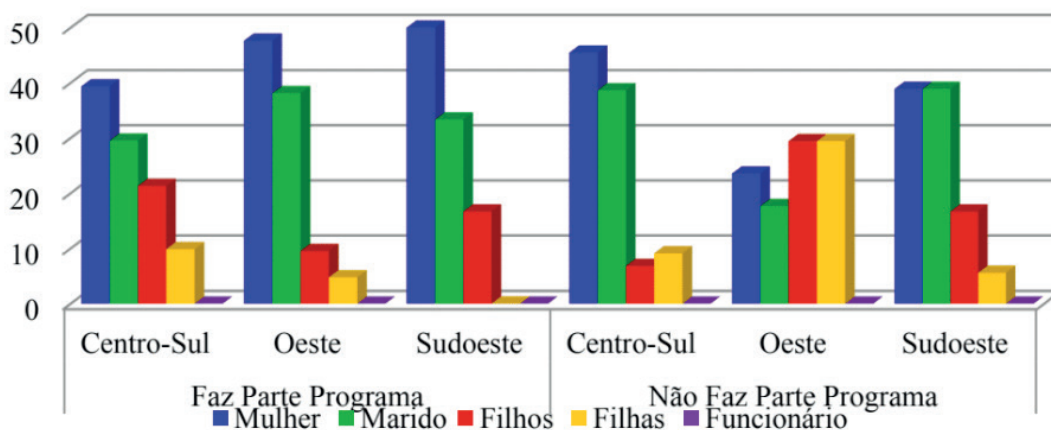


Gráfico 04 – Integrantes que auxiliam o principal responsável pelas atividades*

Fonte: Dados da Pesquisa

*Valores em Porcentagem

Os dados apontam que o percentual de mulheres “auxiliando” na atividade principal é notavelmente maior do que o de homens, a mulher é a pessoa que auxilia o principal responsável pela atividade de sustento do estabelecimento. A exceção fica entre as mulheres do Oeste, que não fazem parte do programa, onde os filhos e filhas são considerados os auxiliares e no Sudoeste onde os homens e mulheres apresentam o mesmo percentual.

A agricultura foi por muito tempo e ainda é considerada uma ocupação estritamente masculina. Segundo Deere e Léon (2003) não importa o quanto a mulher se dedique a agricultura, a atividade é socialmente interpretada como de ocupação masculina, e o trabalho feminino é invisível ou tido como secundário.

As tarefas produtivas, para Brumer (2004) são consideradas obrigação dos homens, quando há a inserção das mulheres na esfera produtiva este trabalho é rotulado de ajuda. Ao questionar “quem é o responsável pela produção” as respostas afirmam ser o homem, já ao perguntar “quem auxilia na produção” a maioria respondeu ser a mulher. A rotina da mulher se volta a atividades rentáveis, diferente do afirmado por elas na divisão das obrigações, onde a mulher executa atividades domésticas e o homem econômicas.

Outro ponto relevante na abordagem levantou a respeito do integrante responsável pela comercialização dos produtos do estabelecimento. Os dados apontam conforme Gráfico 05 que a comercialização está a cargo do marido para todos os grupos entrevistados, com maior índice entre as mulheres que participam do programa das regiões Oeste e Sudoeste.

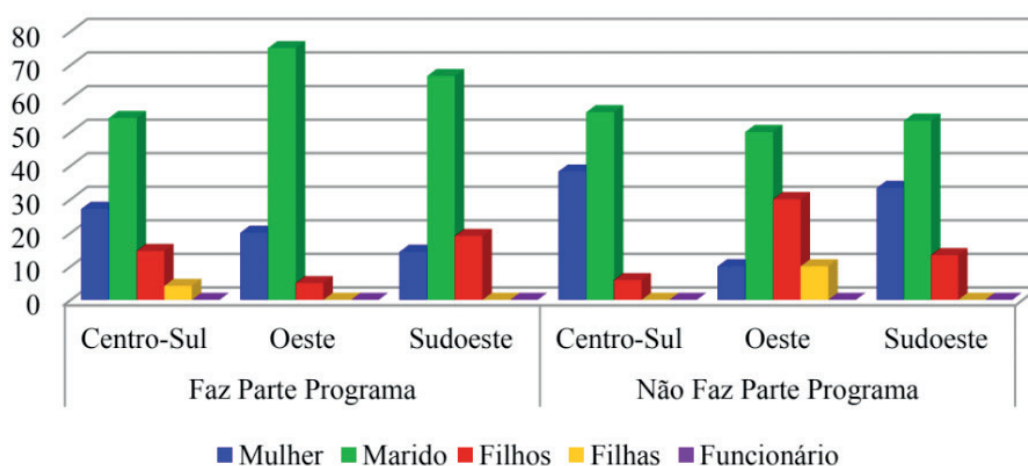


Gráfico 05 – Integrante da família responsável pela comercialização da produção

Fonte: Dados da Pesquisa

*Valores em Porcentagem

As afirmações de Brumer (2004) podem ser reafirmadas por meio do Gráfico 05, apontando que mulheres não administram os recursos originados com a venda da produção, se dedicando especialmente a produção para o consumo da família. As respostas permitem verificar que quando questionadas sobre a responsabilidade da produção em dois dos grupos as mulheres foram maioria, mas ao perguntar quem comercializa em nenhum deles o número de mulheres ultrapassa os percentuais verificados para os homens.

Estas constatações também levam a identificar a ocupação dos homens e mulheres dentro do estabelecimento. Assim a Tabela 3 apresenta a ocupação atribuída aos homens e as mulheres, vale destacar que esta ocupação é a resposta na visão da

mulher entrevistada.

Mesorregião/ Atividade	Faz Parte Programa						Não Faz Parte Programa					
	Centro-Sul		Oeste		Sudoeste		Centro-Sul		Oeste		Sudoeste	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
Atividades domésticas	11,4	60	6,3	81,3	5,6	66,7	7,7	80,8	10	90	7,7	69,2
Estudos	5,7	11,4	12,5	25	0	5,6	3,9	26,9	20	30	0	7,7
Remunerado rural	0	0	6,3	6,3	0	0	11,5	3,9	20	20	0	0
Remunerado Urbano	11,4	11,4	6,3	12,5	0	0	11,5	11,5	0	0	23,1	7,7
Trabalhos atividade leiteira	31,4	37,1	43,8	43,8	44,4	66,7	46,2	46,2	40	60	15,4	38,5
Trabalhos com Suínos	14,3	8,6	18,8	6,3	0	0	26,9	11,5	10	0	23,1	7,7
Trabalhos na lavoura de milho	65,7	34,3	75	12,5	38,9	5,6	61,5	23,1	70	10	38,5	7,7
Trabalhos na lavoura de feijão	48,6	40	12,5	6,3	5,6	5,6	53,9	26,9	10	10	15,4	7,7
Trabalhos na lavoura de soja	40	11,4	81,3	12,5	38,9	5,6	19,2	0	70	10	30,8	15,4
Trabalhos na horta	25,7	80	18,8	37,5	11,1	38,9	30,8	80,8	20	50	7,7	61,5
Trabalhos com fruticultura	14,3	14,3	12,5	6,3	5,6	11,1	26,9	26,9	10	0	7,7	23,1
Manutenção da propriedade	62,9	22,9	50	43,8	33,3	11,1	61,5	46,2	70	40	46,2	38,5
Comercialização da produção	48,6	17,1	50	18,8	27,8	11,1	53,9	26,9	50	20	30,8	15,4
Limpeza do quintal	34,3	74,3	37,5	62,5	16,7	61,1	38,5	76,9	30	70	15,4	53,9

Tabela 03 – Participação do homem e da mulher nas atividades do estabelecimento de acordo com Mesorregião e participação no Programa*

Fonte: Dados da Pesquisa

*Valores em Porcentagem

As mulheres são destaque, conforme a Tabela 03, no quesito estudos e atividades na horta, apresentam índices parecidos com o homem nas atividades leiteiras e existe uma hegemonia masculina na comercialização da produção. Em todos os grupos as mulheres são maioria absoluta nas atividades domésticas, porém, elas executam diversas outras atividades simultaneamente.

É responsabilidade das mulheres, segundo Brumer (2004), as decisões referentes a vendas eventuais de bens por elas produzidos, sendo também as responsáveis pelo uso dos recursos obtidos dessa maneira. Estes produtos são geralmente produtos beneficiados do leite, horta ou artesanatos, não pertencendo a atividade principal de sustento da família, o que reafirma a importância da pluriatividade dentro dos estabelecimentos.

Os dados tornam evidente a dupla jornada e também executam atividades consideradas de responsabilidade dos homens, embora exista um viés de gênero na divisão de funções. Ao agrupar as atividades em domésticas e econômicas, as mulheres são vistas como responsáveis pelas domésticas na imensa maioria, ou quase que na totalidade das respostas, ver Gráfico 06.

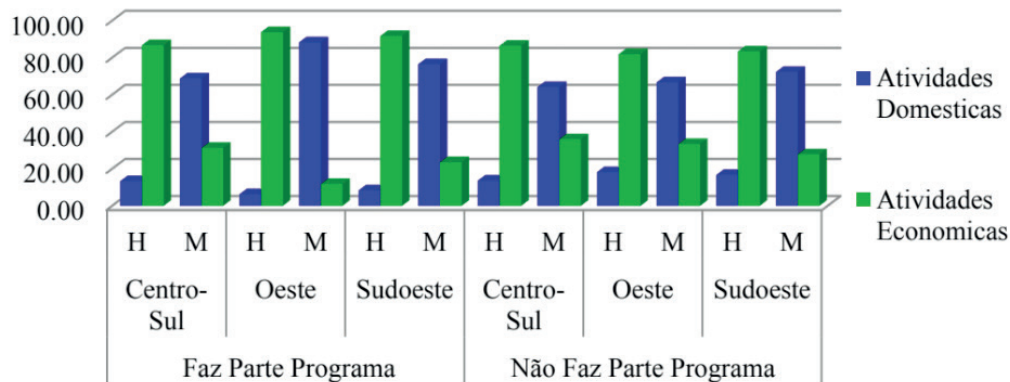


Gráfico 06 – Responsabilidades domésticas e econômicas

Fonte: Dados da Pesquisa

*Valores em Porcentagem

O Gráfico 06 permite verificar que para todos os grupos entrevistados as mulheres são consideradas responsáveis pelas atividades domésticas e os homens pelas atividades econômicas. Embora o Gráfico 05 tenha demonstrado a inserção relevante da mulher nas atividades da esfera produtiva, no momento da execução das mesmas a mulher aparece inserida em ambos os âmbitos, exercendo a totalidade das atividades domésticas e uma parcela extremamente relevante das atividades produtivas, quais não são consideradas sua função.

As mulheres, para Brumer (2004) se responsabilizam praticamente sozinhas pelo trabalho doméstico, contando com o auxílio das filhas. Suas decisões se restringem as questões domésticas. Estas afirmações ficam evidentes no 06 e na Tabela 03. Após estas percepções é importante analisar a rotina da mulher e comparar a do homem, ver Gráfico 07.

As respostas apresentam um padrão semelhante tanto entre as participantes como às não participantes do programa em todas as mesorregiões. Os resultados demonstram que das atividades exercidas pelas mulheres antes do café da manhã são, em sua maioria, atividades domésticas (55,88%) enquanto os homens na maior parte das atividades, são econômicas (36,36%).

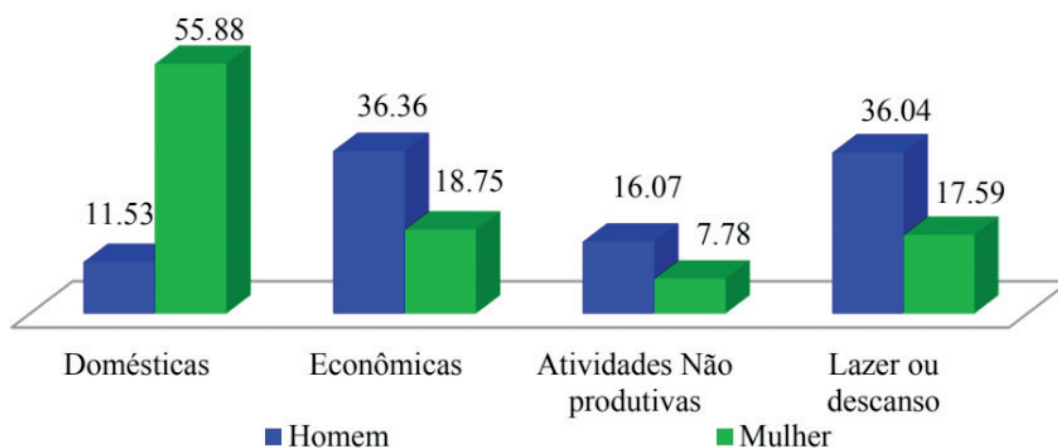


Gráfico 07 – Atividades Executadas Antes do Café da Manhã

Fonte: Dados da Pesquisa

*Valores em Porcentagem

O percentual de atividades econômicas exercidas pelas mulheres é de 18,75%, já as domésticas entre os homens são de 11,53%. As atividades de lazer e descanso representam 36,04% e 17,59% para homens e mulheres. No decorrer da manhã estas atividades se intensificam, ver Gráfico 08.

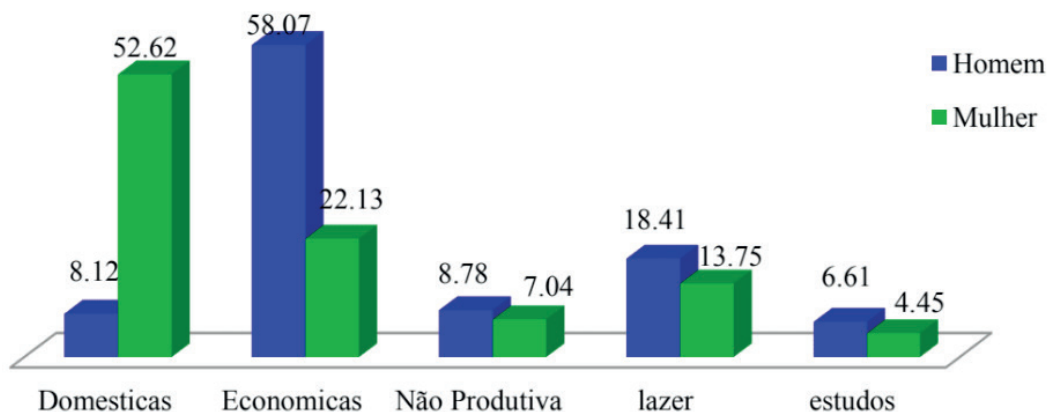


Gráfico 08 – Atividades Executadas Antes do Almoço

Fonte: Dados da Pesquisa

*Valores em Porcentagem

Os estudos que identificam a divisão do trabalho por sexo e idade na agricultura, segundo Brumer (2004) apontam que elas ocupam uma posição subordinada em relação ao homem, suas tarefas aparecem como “ajuda. As mulheres, quando questionadas afirmaram que as atividades produtivas cabem ao homem e a elas cabe apenas as atividades domésticas, mas o que se verifica é a existência de um percentual de atividades produtivas a cargo das mulheres.

Esse fato comprova a questão levantada que propunha identificar uma possível diferença entre o papel da mulher na agricultura e a visão que esta tem de si mesma. Tão acostumada em receber menor ou nenhuma remuneração por seu trabalho “leve” ou pela apenas “ajuda” ao marido, a mulher não percebe a importância de seu papel dentro do estabelecimento.

As atividades exercidas pelas mulheres antes do almoço correspondem a 52,62% de atividades domésticas e 22,13% de atividades econômicas. Entre os homens 58,07% são atividades econômicas e 18,41% atividades de descanso ou lazer. As mulheres novamente se inserem nas atividades econômicas na execução quase que total das domésticas. Para o período da tarde os dados seguem o mesmo padrão, ver Gráfico 09.

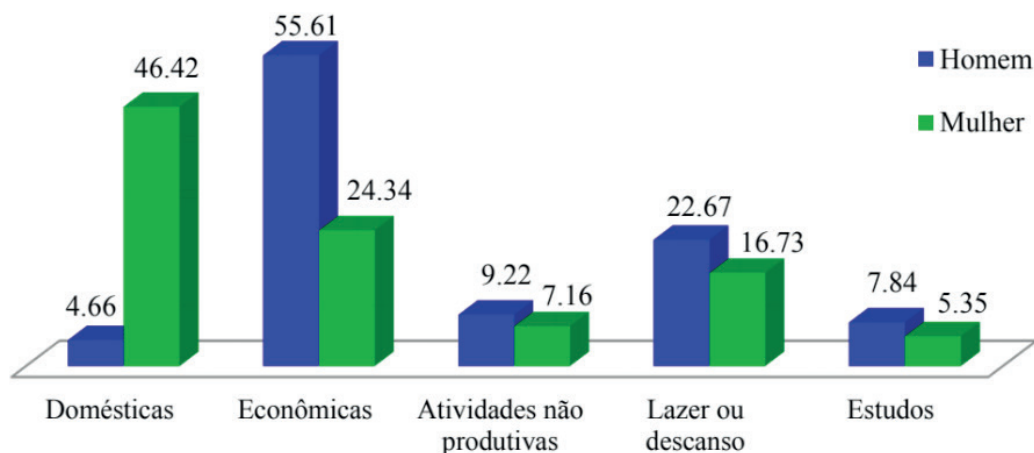


Gráfico 09 – Atividades Executadas Antes do Jantar

Fonte: Dados da Pesquisa

*Valores em Porcentagem

As atividades exercidas pelas mulheres no período da tarde são domésticas (46,42%), enquanto que as atividades exercidas pelos homens são produtivas (55,91%). 24,34% das atividades exercidas pelas mulheres durante a tarde são atividades econômicas ou produtivas, embora quando questionadas sobre suas funções a resposta é primordialmente: “atividades domésticas”. Nos finais de semana, quando as atividades se diferem dos outros dias, traços do padrão apresentado durante a semana ainda se mantém, ver Gráfico 10.

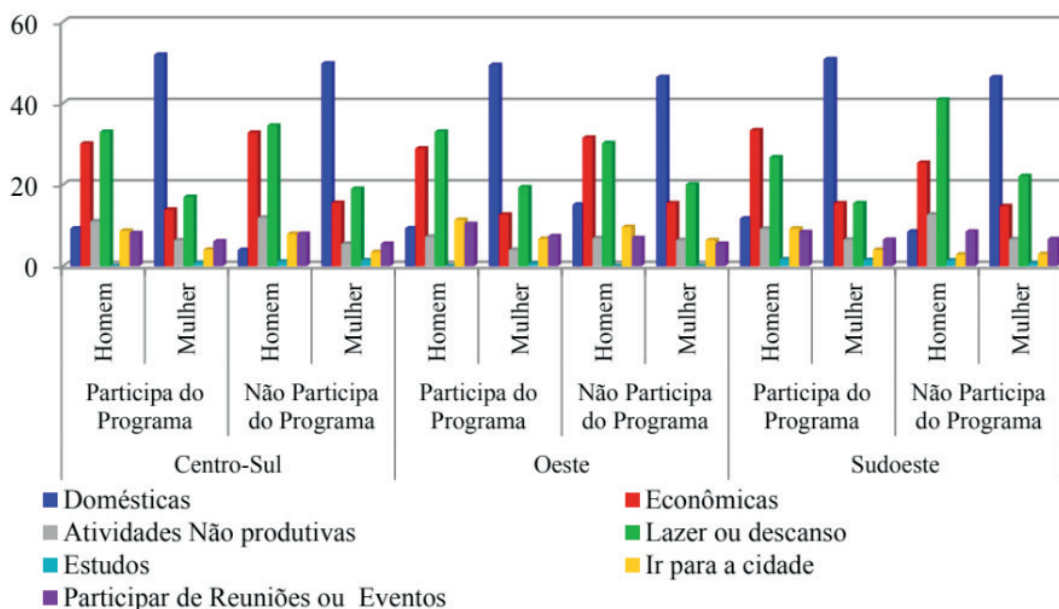


Gráfico 10 – Atividades exercidas durante o final de semana*

Fonte: Dados da Pesquisa

*Valores em Porcentagem

Aos finais de semana os dados do Gráfico 10, apontam diferenças no padrão de atividades do homem em relação à mulher, as atividades de descanso ou lazer para o homem se tornam tão relevantes quanto ou maiores do que as atividades econômicas. As atividades econômicas, tanto executadas pelos homens quanto pelas mulheres, diminuem expressivamente no final de semana.

Em relação às atividades domésticas, por não serem considerado trabalho, devido a falta de remuneração, continuam a ser exercidas normalmente. No final de semana da mulher diminuem as atividades econômicas também, mas ao contrário de substituí-las por atividades de lazer ou descanso a mulher passa a executar um número maior de atividades domésticas.

As rotinas dos homens e mulheres seguem um padrão, onde a mulher executa quase a totalidade das atividades domésticas e uma parcela relevante das atividades econômicas, dedicando pouco tempo a atividades de lazer ou descanso, mas se dedicam mais aos estudos do que os homens. Os homens executam atividades produtivas, não se dedicando a atividades domésticas e apresentam uma parcela maior de dedicação ao lazer. Um passo buscou às questões direcionadas as mulheres do Programa “Gênero e Geração”.

As entrevistadas foram questionadas a respeito de sua motivação em participar do programa. A dúvida do porque as mulheres participam do Programa “Gênero e Geração” ainda necessitavam de respostas, ver Gráfico 11.

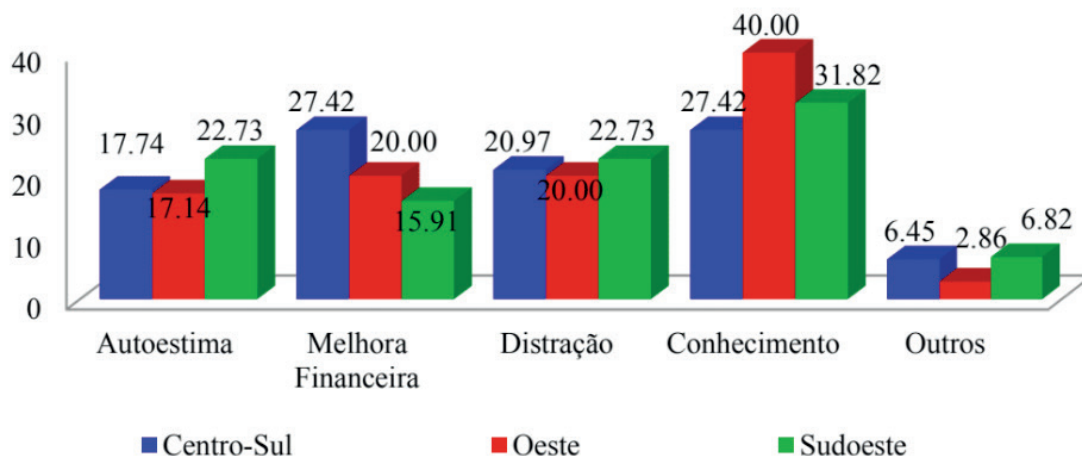


Gráfico 11 – Motivos que levam a participação no programa Gênero e Geração

Fonte: Dados da Pesquisa

*Valores em Porcentagem

O conhecimento é apontado tanto pelas mulheres da Mesorregião Oeste, como do Sudoeste, como vantagens do programa, estas últimas ainda apontam a autoestima e a distração. A melhora financeira foi elencada como a principal vantagem entre as mulheres do Centro-Sul. Na opção de outros motivos muitas apontam a oportunidade de conhecer novas pessoas e fazer novas amizades.

Um segundo questionamento verificou se ocorreram melhorias financeiras nas

vidas das mulheres após a participação no programa. O Gráfico 12, aponta que a maioria absoluta, nas três mesorregiões estudadas, percebeu mudanças financeiras em suas vidas após a participação no programa.

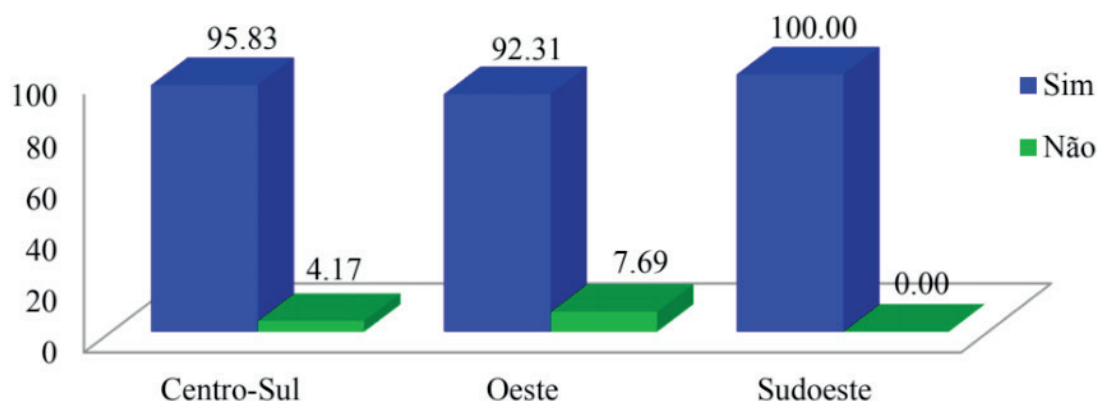


Gráfico 12 – Percepção de mudança na vida financeira das mulheres

Fonte: Dados da Pesquisa

*Valores em Porcentagem

No comparativo entre as participantes e não participantes do programa as respostas foram semelhantes, contudo, o Gráfico 12 apontou a existência de benefícios financeiros para as participantes. O estudo questionou como se deu essa melhora, as respostas, apresentadas no Gráfico 13, apontam em especial para uma maior participação na economia doméstica.

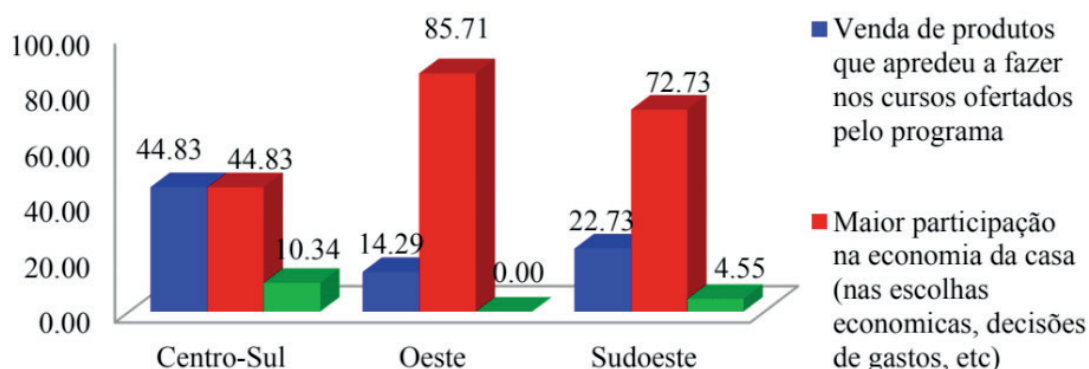


Gráfico 13 – De que forma ocorreram as mudanças financeiras

Fonte: Dados da Pesquisa

*Valores em Porcentagem

Para 44,83% das mulheres da Mesorregião Centro-Sul, a mudança ocorre na venda de produtos, e conhecimento sobre comercialização por meio do programa, 44,83% dos casos indicaram a inserção mais ativa nas escolhas econômicas da casa. Para 85,71% das mulheres do Oeste e 72,73% do Sudoeste houve uma maior participação na vida econômica do estabelecimento familiar a partir de sua inserção no programa Gênero e Geração.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa procurou identificar a importância da mulher dentro do estabelecimento e sua visão de si mesma. Do total de casos investigados 59,17% participam do Programa “Gênero e Geração” e 40,83% não participam. Os resultados foram analisados de acordo com a condição em relação ao programa e em relação às Mesorregiões onde habitam.

Foi possível perceber que a mulher é responsável por quase a totalidade das atividades domésticas e apresentam também uma relevante parcela de participação nas atividades econômicas. Um percentual relevante verificado foi o de mulheres que se consideram donas de casa e não agricultora, além de um grupo que se considera dona de casa e agricultora, reiterando as afirmações da literatura que apontam a dupla jornada de atividades domésticas e econômicas.

Os resultados permitiram a confirmação da hipótese 01 de modo que a distribuição de funções dentro do estabelecimento tem culturalmente um viés de gênero, cabe às mulheres as atividades domésticas e os homens as atividades financeiras. As constatações indicam que as mulheres executam a quase totalidade das atividades domésticas e grande parte das econômicas.

A hipótese 02 também foi comprovada na percepção da existência da alienação da participação da mulher nas decisões econômicas, tendo seu trabalho rotulado, muitas vezes por elas mesmas, como apenas doméstico ou ajuda não remunerada. As percepções indicam que o marido é o responsável pela comercialização da produção, mesmo nos grupos onde a mulher se considera responsável pela principal atividade econômica.

Já a hipótese 03 foi refutada uma vez que não foi verificada maior inserção das mulheres participantes de programas de gênero, nas decisões do estabelecimento. Mesmo com a refutação da hipótese, as entrevistadas afirmaram perceberam mudanças em sua vida financeira, pontuando como positivo a autoestima e conhecimento.

O viés de gênero na distribuição das funções é percebido ao analisar as atividades exercidas pelos filhos ao manter as filhas mulheres com funções domésticas e os filhos homens com funções que geram renda. As filhas alienadas do processo produtivo e da participação na renda, apresentam uma proporção extremamente maior de atividades remuneradas na cidade do que os filhos homens, o que comprova o êxodo rural feminino encontrado na literatura.

Conclui-se que a criação de um ambiente favorável e receptivo para as mulheres é de extrema necessidade para a manutenção da Agricultura Familiar como um todo, o êxodo rural se confirma nos dados da pesquisa o que pode gerar uma crise de sucessão na agricultura familiar. O estudo assinala a necessidade de pesquisas acerca da divisão sexual do trabalho que permitam conhecer melhor as dificuldades das mulheres rurais, possibilitando a proposição de políticas e projetos que incentivem a permanência da mulher no campo.

REFERENCIAS

- ABRAMOVAY, R. **O capital social dos territórios: Repensando o desenvolvimento Rural**. Fortaleza: MEPF/Governo do Ceará. Seminário sobre reforma agrária e desenvolvimento sustentável, 1998. 18p.
- BEAUVOIR, S. O segundo sexo. Nova Fronteira. Rio de Janeiro: 2016
- BRASIL - Lei nº 4.504 de 30 de Novembro de 1964 – ESTATUTO DA TERRA, INCISO II, ARTIGO 4º.
- BRUMER, A. Gênero e Agricultura: a Situação da Mulher na Agricultura do Rio Grande do Sul - **Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 205-227, jan-abr, 2004.
- BRUMER, A. Gênero e reprodução social na agricultura familiar, **Revista NERA**, Presidente Prudente, ano 11, nº.12, p. 6-17, 2008.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero - Feminismo e Subversão da Identidade** - Col. Sujeito & História - 8ª Ed. 2015.
- COCHRAN, R.C.; ADAMS, D.C.; WALLACE J.D. *et al.* Predicting digestibility of different diets with internal markers: evaluation of four potential markers. **Journal of Animal Science**, v.63, p.1476-1483, 1986.
- CÓDIGO CIVIL. **Lei 10.406**, de 10 de janeiro de 2002. Presidência: disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10406compilada.htm. Acesso em 08/11/2014
- DALCIN, D. TROIAN, A. Jovem no meio rural a dicotomia entre Sair e permanecer: um estudo de caso. **Sociologia & Política**, I Seminário nacional Sociologia & Política UFPR “Sociedade e Política em tempos de incerteza”, 2009.
- DEERE, C.D e LÉON, M. Diferenças de gênero em relação a bens: a propriedade fundiária na América Latina, **Revista Sociologias**, Porto Alegre, ano 5, nº, p. 100-153, jul/dez, 2003.
- GOVERNO FEDERAL. <http://www.brasil.gov.br/governo/2013/> em 01/11/2014.
- GUILHOTO, J. J. M.; SILVEIRA F. G.; ICHIHARA S. M.; AZZONI, C. R. A importância do agronegócio familiar no Brasil. **RER**, Rio de Janeiro, v. 44, nº 03, p. 355-382, jul/set, 2006.
- HEILBORN, M. L. **De que gênero estamos falando?** In: Sexualidade, Gênero e Sociedade ano 1, nº2 CEPESC/IMS/UERJ, 1994.
- KRUMER, R. **O Viés Enviesado: A Migração Rural Feminina A Partir Do Olhar Masculino**. Fazendo Gênero 10 – Desafios Atuais dos Feminismos, Setembro, 2013.
- PAULILO, M. I. O peso do trabalho leve. **Revista Ciência Hoje**. Rio de Janeiro: SBPC. V.5, n.28, p.64-70, 1987.
- PEREIRA, R. BAZOTTI, A. **Ruralidade, Agricultura Familiar e Desenvolvimento**, Nota Técnica IPARDES nº16, Curitiba, 2010
- SCHNEIDER, S. **A pluriatividade na agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- SILVA, C. B. C. e SCHNEIDER, S. Gênero, trabalho rural e pluriatividade. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO; Rosineide e MENEZES, Marilda (Org.) **Gênero e Geração em Contextos Rurais**. Florianópolis/SC, Ed. Mulheres, 2010, p. 183-207.
- SILVA, E. J. **Do campo para a cidade: as relações de gênero e o êxodo das jovens mulheres**. III Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais, Olhares Diversos sobre a diferença. João Pessoa – PB 2011.

SOBRE O ORGANIZADOR

Leonardo Tullio - Engenheiro Agrônomo (Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais- CESCAGE/2009), Mestre em Agricultura Conservacionista – Manejo Conservacionista dos Recursos Naturais (Instituto Agronômico do Paraná – IAPAR/2016). Atualmente, doutorando em Ciências do Solo pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, é professor colaborador do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, também é professor efetivo do Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais – CESCAGE. Tem experiência na área de Agronomia. E-mail para contato: leonardo.tullio@outlook.com

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-132-9

